



VENEZUELA EM TRANSE

Uma visitante em segundo plano

Presidente Donald Trump recebe a líder opositora María Corina Machado de forma discreta, sem fotos ou declarações à imprensa, e “ganha” a medalha do Nobel da Paz. Casa Branca anuncia que avaliação sobre a venezuelana segue inalterada

» RODRIGO CRAVEIRO

Drew Angerer/AFP



María Corina Machado é cercada por jornalistas ao deixar o Capitólio, a segunda parte de sua agenda política na capital norte-americana

María Corina Machado dedicou o Prêmio Nobel da Paz a Donald Trump e até entregou-lhe a medalha. A primeira visita à Casa Branca desde a captura do ditador Nicolás Maduro, em 3 de janeiro, terminou de modo lacônico para a líder opositora venezuelana. Enquanto María Corina era recebida com discrição pelo presidente dos Estados Unidos, a porta-voz do governo Trump, Karoline Leavitt, afirmou que a avaliação sobre a visitante não tinha mudado. “Sei que o presidente estava ansioso por este encontro e esperava que fosse uma conversa proveitosa e positiva com a senhora Machado, que é realmente uma voz notável e corajosa para muitos venezuelanos”, disse.

Trump havia dito que María Corina não conta com o respeito da população da Venezuela e, por isso, teria dificuldade de governar. “Foi uma avaliação realista baseada no que o presidente estava lendo e ouvindo de seus assessores e da equipe de segurança nacional, e, neste momento, sua opinião sobre o assunto não mudou”, admitiu Leavitt.

“Entreguei a medalha, o Prêmio Nobel da Paz, ao presidente dos Estados Unidos. Eu lhe disse o seguinte: 200 anos atrás, o General (Marquês de) Lafayette deu a Simón Bolívar uma medalha com a efígie de George Washington. Bolívar guardou a medalha pelo resto da vida. Duzentos anos depois, o povo de Bolívar entrega ao herdeiro de Washington uma medalha, neste caso, a medalha do Prêmio Nobel da Paz, em reconhecimento

ao seu compromisso singular com a nossa liberdade”, declarou María Corina, depois de visitar o Capitólio, sede do Legislativo norte-americano. Não ficou claro se Trump aceitou e ficou com a honraria.

Até o fechamento desta edição, a Casa Branca não tinha divulgado nenhuma foto do encontro da opositora venezuelana e do presidente. Em nota divulgada em 9 de janeiro, o Comitê Nobel Norueguês informou que o título de Nobel da Paz

não pode ser revogado, compartilhado ou transferido a terceiros. “A decisão é final e duradoura”, acrescentou o comunicado.

“Contamos com o presidente Trump para a liberdade da Venezuela”, disse María Corina a simpatizantes, depois da reunião com o mandatário na Casa Branca, que ocorreu a portas fechadas. Em frente à sede do Executivo, manifestantes venezuelanos receberam a opositora com entusiasmo.

Sem apoio

Professor de ciência política da Universidad Simón Bolívar (em Caracas), José Vicente Carrasquero Aumaitre disse ao **Correio** não ver María Corina desprestigiada. “Trump, na verdade, considera que ela não tem apoio interno. Evidentemente, o presidente americano diz respeito não à população, mas ao Exército e à polícia da Venezuela, à capacidade de adesão de

María Corina”, observou. Ele lembrou que o regime chavista concentra a aplicação da violência. “Nesse sentido, a reação de Trump não tem a ver com a capacidade de María Corina de dirigir o país ou de comandar uma mudança na Venezuela. É apenas uma questão de momento”, avaliou Aumaitre.

Para o estudioso, Trump também acredita que Delcy Rodríguez, vice de Nicolás Maduro, não detém um poder real para redefinir a

Sei que o presidente estava ansioso por este encontro e esperava que fosse uma conversa proveitosa e positiva com a senhora Machado, que é realmente uma voz notável e corajosa para muitos venezuelanos”

Karoline Leavitt,
porta-voz da Casa Branca

agenda da Venezuela. “O que Delcy faz é receber ordens dos Estados Unidos.” Presidente interina da Venezuela, Delcy Rodríguez disse não temer um enfrentamento diplomático com os EUA. “Sabemos que eles são muito poderosos, sabemos que são uma potência nuclear letal (...). Não temos medo de enfrentar diplomaticamente por meio do diálogo político, como correspondente”, declarou, em mensagem anual à Assembleia Nacional (Parlamento), de maioria chavista.

Rodríguez apresentou ao Legislativo um projeto de reforma da Lei de Hidrocarbonetos inspirado na chamada lei antilobismo, um instrumento legal de 2020 que permitiu investimentos sob um véu de sigilo para contornar as sanções impostas pelos EUA desde 2019.

IRÃ EM CONVULSÃO

Israel e países do Golfo dissuadiram EUA de ataque

Pedidos feitos pelo premiê de Israel, Benjamin Netanyahu, e por países do Golfo Pérsico demoveram o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de atacar o Irã. Netanyahu e seu principal aliado conversaram sobre o assunto na quarta-feira. Pouco depois, o titular da Casa Branca anunciou que o massacre de manifestantes iranianos “estava parando” e que Teerã não mais executaria pessoas envolvidas nos protestos. Com medo de um espalhamento do conflito por todo o Oriente Médio, os governos de Arábia Saudita, Catar, Omã e Egito, também aliados de Washington, fizeram coro ao apelo de Washington e instaram Trump a desistir de uma ofensiva militar contra o Irã. Apesar de ter suavizado a retórica belicista, a Casa Branca impôs sanções a figuras do regime e da economia iranianas.

Nos últimos dias, o regime iraniano ameaçou atacar bases militares dos EUA na região — pelo menos 40 mil soldados americanos estão de prontidão nessas instalações. Na quarta-feira, os Estados Unidos ordenaram a evacuação parcial da base de Al-Udeid, no Catar. A medida de precaução fomentou a expectativa de um ataque iminente.

Karoline Leavitt, porta-voz da Casa Branca, anunciou que o Irã suspendeu 800 execuções previstas para anteontem. Ela advertiu que Trump não descarta um ataque militar contra o regime teocrático islâmico. “O presidente entende que as 800 execuções que estavam programadas e que deveriam

Atta Kenare/AFP



Movimento em rua do centro de Teerã, capital iraniana: tensão ante a possibilidade de bombardeios

ocorrer ontem (quarta-feira) foram suspensas”. (...) Todas as opções seguem sobre a mesa para o presidente”, afirmou. Segundo ela, Trump advertiu as autoridades iranianas sobre “graves consequências”, caso mais manifestantes fossem assassinados pelas forças de repressão venezuelanas.

“O fato de que o regime iraniano estava planejando executar 800 pessoas e agora não o farão não significa que os EUA e o resto da comunidade internacional devam esquecer os milhares de assassinados

nas ruas”, disse ao **Correio** o ativista Mahmood Amiry-Moghadam, diretor da organização não governamental Iran Human Rights (IHR), sediada na Noruega. “Além disso, o próprio planejamento da execução de 800 pessoas pode ser considerado crime pelo direito internacional, mesmo que as execuções não sejam concretizadas.” Teerã desmentiu, ontem, que Erfan Soltani, um manifestante de 26 anos detido no sábado, seria enforcado. Preso em Karaj, perto de Teerã, ele é acusado de propaganda contra o regime

islâmico iraniano e de agir contra a segurança nacional.

Os Estados Unidos sancionaram as autoridades de segurança e bancárias iranianas, às quais acusam de planejar a repressão violenta, que custou mais de 3,4 mil mortes, e de lavar bilhões de dólares em receitas do petróleo. “Os EUA apoiam firmemente o povo iraniano em sua demanda por liberdade e justiça”, declarou o secretário do Tesouro, Scott Bessent. Ali Larjani, secretário do Conselho Supremo de Segurança Nacional do Irã, é um

Eu acho...

“Além do receio de ataques a bases americanas em seus territórios, os países do Golfo Pérsico se preocupam com o caos regional mais amplo, incluindo a escalada no Iraque ou no Iêmen e as pressões sobre a segurança interna. Em resumo, a mensagem deles para os EUA reflete gestão de riscos, não um alinhamento com Teerã — eles preferem um Irã hostil, porém previsível, a uma guerra regional cujos custos eles inevitavelmente arcaariam primeiro.”

Arquivo pessoal



MAJID RAFIZADEH, cientista político e especialista em Oriente Médio pela Universidade de Harvard

dos sancionados. As autoridades de Washington acreditam que ele tenha coordenado pessoalmente o massacre de manifestantes e ordenado o uso de força contra manifestantes.

Pragmatismo

Especialista em Oriente Médio pela Universidade de Harvard, o cientista político Majid Rafizadeh explicou ao **Correio** que o alerta feito pelos países do Golfo contra um ataque ao Irã tem menos a ver com a simpatia por Teerã e mais com um interesse próprio pragmático. “Países como Arábia Saudita, Catar, Emirados Árabes Unidos, Kuwait e Omã veem um ataque americano — especialmente se direcionado à mudança de

regime — como altamente imprevisível e potencialmente catastrófico para a estabilidade regional”, avaliou. “Embora vejam o Irã como um rival estratégico, eles entendem que a guerra não ficaria contida dentro das fronteiras iranianas e rapidamente se espalharia para o Golfo.”

Para Rafizadeh, o temor das nações rivais do Irã se resume a uma questão prática. “Teerã poderia retaliar contra bases dos EUA e contra a infraestrutura de energia localizada em seus territórios, interromper o tráfego marítimo por meio do Estreito de Ormuz e provocar um choque nos mercados globais de petróleo que prejudicaria diretamente as suas economias”, advertiu. (Rodrigo Craveiro)